

## ENUNCIÇÃO, SENTIDO E EXPRESSIVIDADE N'A PEDRA DO REINO DE A. SUASSUNA

**Guaraciaba Micheletti (UNICSUL / USP)**

### **Resumo:**

Esta comunicação focaliza aspectos enunciativos responsáveis pela criação do sentido da obra, bem como por traços de estilo de seu escritor. Pretende-se observar no *Romance d'A Pedra do Reino* como o enunciador dirige-se diretamente ao leitor, desnudando o processo de construção ao tecer comentários sobre vários gêneros, glosá-los, mantendo uma atmosfera de suspense a despeito das dimensões da narrativa. O romance propõe ao enunciatário, entre muitos mistérios, dois enigmas: o da forma e o de um crime. Questiona o ato de narrar, criando uma cumplicidade com o leitor. Para enredar o leitor nessa teia, busca outras vozes que, por fragmentos, incorporados por meio de vários procedimentos de construção textual, se associam para construir essa narrativa híbrida: o castelo de Quaderna. Com o apoio de teorias que abordam questões como gênero, discurso, expressividade e em especial, os estudos de M. Bakhtin far-se-á a análise de alguns trechos do *Romance*.

Palavras-chaves: enunciação, sentido, expressividade, Ariano Suassuna

### **Abstract**

ENUNCIATION, MEANING, EXPRESSIVENESS IN'A PEDRA DO  
**REINO**, by ARIANO SUASSUNA

Keywords: enunciation, meaning, expressiveness, Ariano Suassuna

### **Abstract**

ENUNCIATION, MEANING, EXPRESSIVENESS IN'A PEDRA DO  
**REINO**, by ARIANO SUASSUNA

This communication focuses on enunciation aspects responsible for creating the meaning of the novel, as well as traces its author's style. It is noted at *Romance d'A Pedra do Reino* as the enunciator targets directly at the reader, denuding the construction process to comment on various genres, gloss them, maintaining an atmosphere of suspense in despite of the narrative dimensions. The novel proposes to enunciate, among many mysteries, two puzzles: its form and a crime. It questions the narrative act, creating a complicity with the reader. In order to involve the reader in that entangling web, it searches for other voices which, in fragments, embedded through various procedures of text construction, are associated to build this hybrid narrative: Quaderna Castle. With the support of theories that address issues such as gender, speech, expressiveness and in particular, the studies of M. Bakhtin it will be conducted the analysis of some excerpts from the novel.

## ENUNCIÇÃO, SENTIDO E EXPRESSIVIDADE N'A PEDRA DO REINO DE A. SUASSUNA

### Guaraciaba Micheletti (UNICSUL / USP)

Eu tenho dentro de mim um cangaceiro manso, um palhaço frustrado, um frade sem burel, um mentiroso, um professor, um cantador sem repente e um profeta. E é claro que alguma coisa da personalidade, ou das personalidades de um autor, vai aparecer na sua obra.  
A. Suassuna

Esta comunicação focaliza aspectos enunciativos responsáveis pela criação do sentido da obra, bem como por traços de estilo de seu escritor. Pretende-se observar no *Romance d'A Pedra do Reino* como o enunciador dirige-se diretamente ao leitor, desnudando o processo de construção ao tecer comentários sobre vários gêneros, glosá-los, mantendo uma atmosfera de suspense a despeito das dimensões da narrativa. O romance propõe ao enunciatário, entre muitos mistérios, dois enigmas: o da forma e o de um crime. Questiona o ato de narrar, criando uma cumplicidade com o leitor. Para enredar o leitor nessa teia, busca outras vozes que, por fragmentos, incorporados por meio de vários procedimentos de construção textual, se associam para construir essa narrativa híbrida. Com o apoio de teorias que abordam questões como gênero, discurso, expressividade e em especial, os estudos de M. Bakhtin, apresentaremos alguns aspectos que denotam a singularidade da obra.

Ariano Suassuna é autor de uma vasta obra que se espalha por diferentes gêneros artísticos e discursivos. Seu primeiro texto, com o qual ganhou o prêmio Nicolau Carlos Magno, uma peça teatral foi escrita em 1947. Seguiram-se outras peças, um romance só muitos anos depois publicado, Fernando e Isaura, alguns poemas e a organização de um movimento artístico catalisador, confluência de várias artes: literatura, música, dança, xilogravura, pintura, tapeçaria ... – o Movimento Armorial. É no seio dele que se inscreve o *Romance d' A Pedra do Reino e Príncipe do Sangue do vai-e-volta* cujos elementos da tradição regional se associam a alguns traços do romance moderno, em especial à metalinguagem e a uma acentuada intertextualidade, criando uma narrativa curiosa e instigante. Narrativa que prende o leitor não por explorar diretamente a emoção ou a verossimilhança literária, mas por torná-lo parceiro nessa espécie de jogo discursivo construído narrador / autor.

A sua obra, toda inscrita na tradição do romance nordestino<sup>1</sup>, constitui-se de uma grande mescla, da intertextualidade, que no *Romance d'A Pedra do Reino* se presentifica em todos os níveis desde o aproveitamento de textos, formas consagradas até vários subgêneros e suas *fôrmas*<sup>2</sup>. Assim, para seu autor, o escritor, sua composição é uma novela em que colocou o nome de romance por que gosta e *por causa da ambigüidade que ele representa*<sup>3</sup>. As palavras de Suassuna, classificando sua narrativa como *novela*, mas preferindo chamá-la de *romance* e pretendendo que seja também epopéia e sátira deixam o leitor perplexo e criam expectativas em torno do *romance*.

Quando se trata de uma narrativa literária, a primeira questão que se coloca é a da relação entre o autor empírico e o autor narrador<sup>4</sup>. Sem dúvida, há entre os dois uma relação fundamental, mas essa relação também é construída entre o autor empírico e suas personagens. Em certa medida, autor / narrador é tão persona(gem) - máscara quanto as demais. É possível, entretanto, observarem-se graus de relacionamento diferentes entre essas criaturas.

Numa narrativa literária, a enunciação é um ato do escritor, assim é ele o enunciador e, dele, emana a narrativa. Entretanto a narrativa é um simulacro de mundo e, como simulacro, instaura outro enunciador – o narrador – o qual, por seu turno, dá voz a personagens, que, assumindo suas vozes, tornam-se também enunciadores. Na verdade são mediações discursivas que se estabelecem no decorrer do texto, construindo o sentido que lhe poderá ser atribuído pelo leitor.

É a enunciação que constrói o discurso, para focalizá-la é preciso, antes de tudo, pensar-se a questão do gênero, uma vez que qualquer manifestação discursiva está intrinsecamente ligada a ele. Os gêneros são estruturas relativamente estáveis, de domínio dos usuários da língua, e que organizam os discursos e os textos. De modo geral, compõem conjuntos. “Um *conjunto de gêneros* é a coleção de tipos de textos que uma pessoa num determinado papel tende a produzir” (BAZERMAN: 2005, 32). Desse modo, o selecionar um tipo põe em movimento diversos mecanismos discursivos, dentre os quais a intencionalidade do enunciador que será captada pelo enunciatário e por ele interpretada

---

<sup>1</sup> V. Micheletti, p. 146-149.

<sup>2</sup> Embora não se trate de uma grafia regulamentada, uso *fôrma* (s) para fazer referência às estruturas que determinam cada tipo de composição e *forma* (s) para os textos.

<sup>3</sup> Cf. Nota do Autor. In *História do Rei Degolado nas Caatingas do SERTÃO AO Sol da Onça Caetana*, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1977, p.128-135.

<sup>4</sup> A relação entre o escritor e narrador são complexas e vários estudiosos tem-se debruçado sobre o assunto. Neste texto, utilizamos a distinção que vários críticos vêm estabelecendo: ao autor empírico, denominamos escritor; ao ser que responde pela narrativa no mundo representando, o tradicional narrador, também utilizamos o termo autor.

nesse processo dialógico. Segundo Bakhtin, “A vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na *escolha de um certo gênero de discurso*. Essa escolha é determinada pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, por considerações semântico-objectuais (temáticas) pela situação concreta da comunicação discursiva (...)” (2003, 282) Assim a definição de a que gênero filiar-se-á o texto é fundamental para o sujeito. Um busca declarada:

Precisava, porém, descobrir com segurança, a que gênero me dedicar. Lembrei-me, então das aulas de Retórica, dadas por Monsenhor Pedro Anísio Dantas, no ‘Seminário’, e passei a examinar gênero por gênero, com a ajuda do ‘Dicionário’.

Na verdade a busca pelo gênero empreendida pelo narrador não se limita à consulta ao “Dicionário”, mas se estende por outros textos e diversos autores que vão sendo apresentados ao leitor já de início, no primeiro folheto, e ao longo de toda a narrativa. Embora o autor/narrador proceda a essa busca constante, não opta por nenhum gênero em particular. Como consequência *A Pedra do Reino* se identifica com um conjunto de gêneros que pertencem à literatura, mas é quase impossível determinar nesse quadro a qual tipo ela pertence, pois o enunciador assume a busca, construindo uma narrativa sinuosa, disseminando elementos de várias formas literárias, o que torna a narrativa singular e surpreendente. Declara ser “um diascevesta” – um colecionador de textos. Assim, é seu objetivo explícito a recuperação de outros textos da tradição histórico-literária – que lhe parecem fundamentais para seus propósitos – criar uma narrativa exemplar e safar-se da prisão.

Há nesse processo o estabelecimento de um diálogo com toda a tradição numa espécie de jogo de jogo de reverência – ao reconhecer o valor intrínseco dos textos: – e irreverência – ao desconstruí-los, adaptando-os muitas vezes a situações jocosas. Entre muitas, lembro o caso das duas personagens, Samuel e Clemente, representantes da direita e da esquerda, respectivamente, os quais, “perdidos na grandeza de suas idéias e de seus sonhos”, se enfrentam em duelo com dois penicos (folheto XLII, p. 225-238). Ou mesmo, no folheto XXI, quando Quaderna vai visitar as pedras do reino e sente-se logrado com a feiúra encontrada e ouve a explicação de seu companheiro de viagem, Euclides Villar, que “Nas coisas do mundo, os ‘chuviscos de prata’ nunca ou raramente existiam, e o ‘sangue vermelho das pedras, conservado vivo e fresco durante todo o tempo’ eram sempre, de fato, na mesquinha realidade, simples mijo-de-mocó” (p.104)

Todo o texto é pontilhado por discursos anteriores, nos quais o autor / narrador se apóia, servindo-se deles ora como argumentos para eximir-se de culpas, ora como um modo indireto de relatar fatos, preservando-se quanto à origem e à responsabilidade do enunciado.

Por ser um relato literário, tradicionalmente se colocam questões relacionadas à verossimilhança, mas o enunciador, rompe com o simulacro, intensificando a participação do leitor ao dirigir-se diretamente a ele. O leitor parece estar diante de um réu em busca de defesa, pois a expressão apelativa.– “escutem, pois, nobres Senhores e belas Damas de peitos brandos” – com algumas variações, se repete ao longo de toda a narrativa. O apelo “ao coração magnânimo de Vossas Excelências” não cria apenas uma interação entre ele e o leitor, mas aponta para um outro gênero – o dramático. O vocativo, freqüentemente utilizado para manter preso o leitor, traz para o texto o formato da apresentação circense. Assim é como se ele, dirigindo-se ao leitor e ao Corregedor, estivesse no centro de um palco. Não em um palco qualquer, mas um palco de um circo, que tem uma tradição e um formato diferenciado: abriga múltiplas manifestações artísticas, utilizando como recursos o apelo ao público, a máscara, a pantomima<sup>5</sup> de cujos traços Quaderna também se vale.

O autor / enunciador lembra um exímio jogador: ao mesmo tempo que arma o palco e representa, denuncia a representação quando desnuda o processo tecendo comentários sobre vários gêneros, glosando-os, mantendo uma atmosfera de suspense a despeito das dimensões da narrativa. No emaranhado de sua narrativa, propõe ao enunciatário vários mistérios e, dentre eles, dois enigmas: o da forma e o de um crime. O enunciador questiona o ato de narrar, buscando uma cumplicidade com o leitor, enredando-o numa teia construída pelos fragmentos de muitas vozes com as quais dialoga sobre a melhor forma de narrar.

Assim, Quaderna, autor e personagem, relata suas aventuras ao Corregedor e a nós, leitores, com um duplo objetivo: isentar-se de qualquer culpa; e redigir suas memórias, a sua história. Com esse propósito, constitui dois enunciatários: um enunciatário real, ainda que idealmente construído – o leitor, e um enunciatário pertencente ao mundo diegético, o Corregedor. É interessante lembrar de onde Quaderna fala – da cadeia, está preso. De acordo com Benveniste (1989, 83), na enunciação é preciso considerar “o próprio ato, as situações em que se realiza, os instrumentos de sua realização”. Para o leitor, Quaderna se coloca como o autor, aquele que narrará a história e que procura o melhor modo de fazê-lo. Como contá-la? Eis a questão. Para o enunciatário – Corregedor, é preciso construir sua defesa a fim de safar-se das acusações. Novamente como contar a história é a questão. É necessário convencer o Corregedor de sua inocência. Além disso, como escritor, Quaderna

---

<sup>5</sup> Pantomima no sentido da apresentação da dança de artista solo mais um coro. Quaderna representa coadjuvado pelas outras personagens.

apresenta-se ao leitor com pretensões artísticas, assim seu texto, segundo ele próprio, deverá ser “modelar”, para poder integrar à Academia Brasileira de Letras.

Com esses objetivos, encontra praticamente uma só resposta: narrar embaralhando os fatos como se embaralham as cartas “de uma velha canastra esquecida”. E é nessa atitude de jogo que avulta a concorrência de vários textos, de vários discursos que saem do baú da memória.

O enunciador busca estabelecer entre ele e o enunciatário um diálogo ou, no mínimo, conquistá-lo, transformando o leitor quase em seu cúmplice.

(...) ele não espera uma compreensão passiva, (...) mas uma resposta, uma concordância, uma participação, uma objeção, uma execução etc. (os diferentes gêneros discursivos pressupõem diferentes objetivos, projetos de discurso dos falantes ou escreventes). ( BAKHTIN: 2003, 272)

Para isso vale-se de estratégias próprias de diversos gêneros narrativos. Daí uma tessitura à moda de um *patchwork*. É como se colocasse uma máscara e saísse enredando o leitor e o Corregedor.

Dentre esses gêneros, avulta o memorial, uma espécie de autobiografia, mas também, uma peça processual. O enunciador com seus declarados objetivos deve(ria) obedecer às regras desse gênero, no entanto, apresenta seus relatos em segmentos aos quais denomina folhetos, o que não se coaduna, especialmente, com um gênero da esfera do judiciário.

Socorrendo-se declaradamente da memória, o narrador utiliza a primeira pessoa do discurso para compor não só o cenário por meio de descrições detalhadas e subjetivas (a adjetivação permeia todo texto) – o espaço de onde partirá seu discurso, mas para apresentar as vozes das outras personagens. Os diálogos por meio do discurso direto são poucos e, ainda que fragmentos das diversas vozes do mundo diegético (as personagens) permeiem sua fala, elas se materializam em meio ao discurso indireto, com alguns segmentos marcados pela utilização de aspas. No trecho abaixo, ao apresentar o Rapaz do Cavalo Branco, o autor / narrador descreve – “montava”, introduz a voz de Samuel com o verbo “observou”, depois retorna com a sua descrição:

Ele o montava, como observou mais tarde o Dr. Samuel, “com um ar ao mesmo tempo modesto e altivo de jovem Príncipe, recém-coroadado e que por isso mesmo, ainda está convencido de sua realeza”. Alto, esbelto, de pele ligeiramente amorenada (...) ( op.cit. p15-16).

Do mesmo modo, traz para seu discurso um diálogo com outras vozes fictícias ou históricas que contribuíram para a sua formação estético-ideológica. O enunciador concretiza essa intertextualidade de diversas maneiras, de acordo com seus propósitos narrativos: paródias, colagens, citações – o diálogo é, nesse caso, o de Quaderna com outras vozes fictícias ou históricas que contribuíram para sua formação estético-ideológica. O sujeito define o que utiliza ou não das obras precedentes, consoante às suas intenções. Sobre esses textos e mesmo sobre a escolha, tece comentários, nega-os ou aceita-os parcialmente, na maioria das vezes. Sobre vozes das personagens, é freqüente, o narrador submetê-las sintaticamente à sua, como já afirmei anteriormente e, por meio do discurso indireto, mas mantendo algumas de suas palavras, ou mesmo por referências (como em certas descrições) valendo-se das aspas, podendo, assim, eximir-se da autoria das falas.

Estávamos perto do meio dia. Samuel vinha de roupa cinzenta, com um apara pó branco sobre ela. Trazia botas de camurça amarelada . Na cara, óculos azuis, para proteger os olhos “da bárbara claridade sertaneja”.

(...)

Diz ele (Samuel) que minha roupa cáqui me faz parecer “um corumba, vigia de Senhor de Engenho”. Quando me volto para Clemente, em busca de solidariedade sertaneja, sou mal recebido. O Filósofo acha que há “uma certa falta de compostura e um certo fingimento nessas fantasias acangaceiradas”. (p.124)

Os diálogos apresentados pelo autor, em discurso direto, ocorrem de modo particular com o Corregedor, mas a todo o momento ele tergiversa para embaralhar os fatos e adiar o enfrentamento. Introduce novas histórias em prosa e em verso que atribui a escritores e a cantadores, retardando a apresentação dos fatos sobre os quais está sendo inquirido. Os diálogos se estabelecem especialmente entre Quaderna e as demais personagens, raro entre outras personagens, e, quando isso ocorre, ele comenta essas falas. Esses diálogos surgem com mais freqüência nos capítulos (folhetos) em que predominam as denominadas “sessões acadêmicas”, com discussões estéticas e ideológicas.

Nesta comunicação, apresentei apenas alguns elementos constitutivos da obra, pois uma análise mais detalhada encontra-se em processo. No entanto, já se pode notar que a enunciação tal como foi organizada por Suassuna, o escritor e por Quaderna, o narrador, aguça a curiosidade do leitor que não consegue desvencilhar-se das teias urdidas pelo enunciador. Sem dúvida o motivo do denominado já no título de romance é o enigma que deve ser decifrado, o sentido que necessita ser desvelado pelo leitor. Sentido que talvez seja

a própria busca, uma busca contínua que não se completa, indecifrável como o próprio romance que adia indefinidamente a revelação, já que a narrativa é suspensa. Como no folhetim, a satisfação do leitor é adiada, e todos seguirão a busca: leitores, Quaderna, Suassuna..., talvez, como informa o Corregedor, nunca termine:

*“O inquérito continua em aberto e em suspenso, (...) sua Obra ficará assim, em suspenso e aberta, dependendo sempre de novos depoimentos que o senhor nos prestar. Talvez, até, ela dure o resto de sua vida e nunca chegue a terminar, (...)”*

Referências bibliográficas:

- BAKHTIN, M. Estética da Criação verbal. (trad. Paulo Bezerra) São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARZERMAN, C. Gêneros textuais, tipificação e interação. São Paulo: Cortez, 2005.
- BENVENISTE, E. O aparelho formal da enunciação. In Problemas de Lingüística Geral II (trad. E. Guimarães et al.) Campinas: Pontes, 1989, p.81-90.
- MICHELETTI, G. Na confluência das formas. São Paulo: Clipper, 1997.
- SUASSUNA, Ariano. **Romance d’A Pedra do Reino e do Príncipe do Vai-e-volta**. 4ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.